

A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)



A Interlocução de Saberes na Antropologia **3**

**Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Lucineide Maria de Lima Pessoni
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abráao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Maria Filomena Rodrigues Teixeira
 Lucineide Maria de Lima Pessoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 A interlocução de saberes na antropologia 3 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Lucineide Maria de Lima Pessoni. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-709-3

DOI 10.22533/at.ed.093211301

1. Antropologia. 2. Saberes. I. Marcelo Máximo Purificação (Organizador). II. Maria Filomena Rodrigues Teixeira (Organizadora). III. Lucineide Maria de Lima Pessoni (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“ (...) A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos” (HAESBAERT, 2004: p.138).

Prezados/as leitores/as, apresentamos a vocês a obra: “A Interlocação de Saberes na Antropologia 3”, organizada a partir da perspectiva dialógica de estudos desenvolvidos por pesquisadores/investigadores do Brasil, Portugal, Moçambique e Uruguai. Uma obra perpassada por temas amplos e alargados dentro do ponto de vista da antropologia e áreas afins, dos quais citamos: etnógrafos, etnicidade, ancestralidade, cultura, comunidade quilombola, consumismo, Estado, gêneros, identidade étnica, dependência química, experiência multissensorial, jovens, mudanças climáticas, natureza, mar, sexo, ontologia tsonga- tumbuluko, recursos naturais, redes locais de cuidado, saber profissional, transexualidade, virada ontológica e etc.

Organizada em treze capítulos, que possibilitam o encontro de saberes, vistos a partir da lupa de artefatos históricos, sociais, culturais e políticos, estabelecendo liames com a antropologia numa perspectiva crítica e reflexiva. Pesquisas elaboradas nessa natureza (crítica/reflexiva) interligando saberes antropológicos, têm grande potencial de (des/re) territorialização de novos saberes, como bem afirma Rogério Haesbaert (2004)¹ Esses novos saberes, vistos pelo viés da antropologia reverberam discussões que podem colaborar para conhecimentos limítrofes às racionalidades, as sociedades e as culturas. Isto dito, desejamos a todos/as, uma boa leitura. Que os textos, contidos nesta obra, possam possibilitar a vocês leitores/as movimentos reflexivos constantes e novos conhecimentos.

Dr. Marcelo Máximo Purificação
Dra. Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Dra. Lucineide Maria de Lima Pessoni

¹ HAESBAERT, Rogério (2004): O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à Multiterritorialidad.: Bertrand Brasil. Anteriormente citado na epígrafe dessa sessão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSTRUIR SABER PROFISSIONAL DE TERRENO COM JOVENS ETNÓGRAFOS SOCIAIS	
Telmo H. Caria	
DOI 10.22533/at.ed.0932113011	
CAPÍTULO 2	8
DIÁLOGO ENTRE ANCESTRALIDADE FEMININA, SÍMBOLOS E ETNICIDADES	
Viviane Sales Oliveira	
Marise de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.0932113012	
CAPÍTULO 3	20
“É MUITA FALTA DE IMAGINAÇÃO”: UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A (NEO)MATERIALIZAÇÃO DO SEXO E DO ESTADO A PARTIR DE PROCESSOS JURÍDICOS DE RETIFICAÇÃO DE NOME CIVIL E DE GÊNERO EM PORTO ALEGRE/RS	
Lucas Riboli Besen	
DOI 10.22533/at.ed.0932113013	
CAPÍTULO 4	40
APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA	
Fronika Claziena Agatha de Wit	
DOI 10.22533/at.ed.0932113014	
CAPÍTULO 5	52
EMBATE ONTOLÓGICO ENTRE A INSTITUIÇÃO MÉDICA EM MOÇAMBIQUE E AS PRÁTICAS DE CURA TSONGA	
Nosta da Graça Mandlate	
DOI 10.22533/at.ed.0932113015	
CAPÍTULO 6	64
ETNOGRAFIA: A PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS- SALGUEIRO/PE	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.0932113016	
CAPÍTULO 7	77
HABITANDO LA COSTA Y EL MAR: UN ESTUDIO SOBRE MARITIMIDADES EN EL ESTE DE URUGUAY	
Leticia D'Ambrosio Camarero	
DOI 10.22533/at.ed.0932113017	
CAPÍTULO 8	97
INTERFACES ENTRE GÊNERO E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: TRAJETÓRIAS	

MASCULINAS

Janine Targino

DOI 10.22533/at.ed.0932113018

CAPÍTULO 9..... 112

“MENINO VESTE AZUL, MENINA VESTE ROSA”: GÊNERO E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Juliana Abonizio

Eveline dos Santos Teixeira Baltistella

Susana Gonçalves Costa

DOI 10.22533/at.ed.0932113019

CAPÍTULO 10..... 124

NATUREZA E CULTURA: DO AUSTRALOPITHECUS AO HOMO SAPIENS SAPIENS E AO “HOMO CRETINENSIS”

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.09321130110

CAPÍTULO 11 139

REDUCCIONISMO CONSUMISTA: ANTROPOLOGIA EM RISCO

Manoel Cambuim de Lima

Jacir Alfonso Zanatta

DOI 10.22533/at.ed.09321130111

CAPÍTULO 12..... 152

ENVELHECIMENTO E DOENÇAS CRÓNICAS: DAS VULNERABILIDADES À FRAGILIDADE

Marta Maia

Oswaldo Matavel

DOI 10.22533/at.ed.09321130112

CAPÍTULO 13..... 158

ESTIGMA, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

DOI 10.22533/at.ed.09321130113

SOBRE OS ORGANIZADORES 165

ÍNDICE REMISSIVO..... 167

CAPÍTULO 4

APLICANDO A VIRADA ONTOLÓGICA NA GOVERNANÇA CLIMÁTICA: O CASO DA AMAZÔNIA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 05/10/2020

Fronika Claziena Agatha de Wit

Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências
Sociais
Lisboa – Portugal
ORCID: 0000-0002-6181-3537

RESUMO: As mudanças climáticas ameaçam o futuro da floresta amazônica e seus habitantes. As estratégias de governança climática de cima para baixo, não apenas falharam em enfrentar esse desafio, mas também destacaram o desacordo sobre suas causas e consequências, com base em binários ontológicos entre natureza e cultura. Perspetivas enraizadas em fundamentos ontológicos e epistemológicos divergentes moldam a nossa compreensão e respostas às mudanças climáticas. Os proponentes da Virada Ontológica, propõem abertura às diferenças ontológicas e o aprofundamento e a intensificação de três modos permanentes de pensamento antropológico: a reflexividade, a conceitualização e a experimentação. Este trabalho examina o que a governança climática Amazônica pode aprender da Virada Ontológica e para isso usa dois estudos de caso da governança climática subnacional: o Estado do Acre-Brasil e a região de Ucayali-Peru. A metodologia e pesquisa usada foi qualitativa e incluiu entrevistas semiestruturadas com o atores-chaves da governança climática e grupos focais em ambos os estudos de caso.

Os resultados mostram que em ambos os estudos de caso grupos de trabalho indígena foram implementados que tem resultado no fortalecimento do diálogo intercultural entre os governos subnacionais e povos indígenas. No entanto, neste diálogo, os conceitos de ‘mudança climática’ e ‘floresta’ ainda são dominados pelo pensamento baseado na ontologia ocidental e a Amazônia é retratada como um mero estoque de carbono. A Virada Ontológica nos desafia a repensar esses conceitos, resultando em uma governança climática mais justa.

PALAVRAS-CHAVE: Virada Ontológica; Mudanças Climáticas; Governança Climática; Amazônia; Perspetivismo Ameríndio.

APPLYING THE ONTOLOGICAL TURN ON CLIMATE GOVERNANCE: THE CASE OF THE AMAZON

ABSTRACT: Climate change threatens the future of the Amazon rainforest and its inhabitants. Top-down climate governance strategies have not only failed to meet this challenge, but have also highlighted disagreement about its causes and consequences, based on ontological binaries between nature and culture. Perspectives rooted in divergent ontological and epistemological foundations shape our understanding of and responses to climate change. Proponents of the Ontological Turn propose openness to ontological differences and the deepening and intensification of three permanent modes of anthropological thought: reflexivity, conceptualization and experimentation. This paper examines what Amazonian climate governance can learn from the Ontological Turn and uses two case studies

of subnational climate governance: the State of Acre-Brazil and the Ucayali-Peru region. A qualitative research methodology was used, including semi-structured interviews and focus groups with key stakeholders in climate governance in both case studies. The results show that in both case studies indigenous working groups were implemented, which has resulted in a strengthened intercultural dialogue between subnational governments and indigenous peoples. However, in this dialogue the concepts of ‘climate change’ and ‘forest’ are still dominated by thinking based on western ontology and the Amazon is portrayed as a mere carbon stock. The Ontological Turn challenges us to rethink these concepts, promoting a more just climate governance.

KEYWORDS: Ontological Turn; Climate Change; Climate Governance; Amazon; Amerindian Perspectivism.

1 | INTRODUÇÃO

Ser ONANYA não é só curar, é tratar do território, do amor familiar, da floresta, das plantas, da biodiversidade.

Ouçõ as palavras acima na ‘Convenção de Médicos Tradicionais Shipibo, Konibo, Xetebo’, realizada nos dias 18 e 19 de agosto de 2018 no auditório da Universidade Intercultural da Amazônia (UNIA) em Yarinacocha - Peru. Acabada de chegar na cidade de Pucallpa, situada na Amazônia Peruana, para começar o meu trabalho de campo sobre a governança climática Amazônica, recebo um convite para a referida convenção durante a minha primeira entrevista com um líder indígena, que na sua opinião poderia ser interessante para a minha pesquisa. Com algumas hesitações iniciais - a final o que uma reunião de médicos tem a ver com a minha investigação sobre mudanças climáticas? – decido aceitar o convite.

Na Convenção, que acaba por ser metade em espanhol e metade na língua indígena Shipibo, aprendo o que é um *Onanya*, e em que difere de ser um *Meraya*: o primeiro tem ‘a capacidade de aproximar os animais’ e o segundo ‘de se tornar um animal’, que demonstra bem o conceito de ‘Perspetivismo Ameríndio’ e o poder de ver o mundo através da perspectiva do não-humano (VIVEIROS DE CASTRO, 1996) Os Shipibos não gostam de usar a palavra xamã, que de acordo com eles “vem da Ásia e significa bruxo”, e querem valorizar a palavra *Onanya* da língua Shipibo.

A Convenção desperta o meu interesse e reflexão sobre conceitos e perspectivas diferentes. Nota-se que não sou antropóloga, porém apaixonada pela antropologia e convicta da importância da disciplina na nova época geológica, o Antropoceno, em que os humanos são a força dominadora (CRUTZEN E STOERMER, 2000) e que demanda “cuidados planetários” e ação humana (STEFFEN ET AL, 2011). Contudo, a figura do humano e o foco só na agência humana, é um conceito ocidental, uma conceição naturalista. Latour (2017) aponta para a importância da ação não-humana e a sua força na geopolítica do Antropoceno.

Questionar os conceitos ocidentais e a reconstrução de conceitos através da reflexão e experimentação, é o objetivo geral da chamada Virada Ontológica na antropologia (HOLBRAAD E PEDERSON, 2017). No pensamento ocidental temos a conceição binária cultura-natureza: dois conceitos que a modernidade separou como “duas províncias ontológicas distintas, separando o polo dos seres humanos e da cultura do polo dos não-humanos e da natureza” (LATOURE, 1993, p.13). Contudo, os povos amazônicos e ameríndios não compartilham esta percepção da realidade e veem o mundo “habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996: p.115).

Na Amazônia culturalmente diversa, as perspectivas enraizadas em fundamentos ontológicos e epistemológicos divergentes moldam os entendimentos e respostas locais aos desafios ambientais (VIVEIROS DE CASTRO, 2014). Investigação recente destaca a importância de abraçar uma diversidade de sistemas de conhecimento (TENGO ET AL, 2014) e a participação significativa de povos indígenas e comunidades locais (GOLDMAN, TURNER E DALY 2018) para a governança climática levando não apenas a vias de desenvolvimento seguros, mas também justos.

O que podemos aprender da Virada Ontológica e como aplicar os seus ensinamentos no contexto da governança climática Amazônica? Esta é a principal questão de pesquisa que este capítulo pretende responder. Este capítulo está dividido em três partes. A primeira parte descreve a Virada Ontológica na antropologia, destacando suas principais características, bem como as críticas recebidas, e examina como tem sido aplicada ao desafio do combate às mudanças climáticas. A segunda parte é baseada em trabalho de campo na Amazônia brasileira e peruana e descreve dois exemplos subnacionais de colaboração entre o governo e os povos indígenas: a criação de Grupos de Trabalho Indígenas. A terceira e última parte discute o potencial e os riscos desses grupos de trabalho e os relaciona às lições aprendidas com a Virada Ontológica.

2 | A VIRADA ONTOLÓGICA E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

A Virada Ontologia (VO) é um movimento filosófico nas ciências sociais, como há várias outras: a virada linguística, a virada ética, a virada afetiva, etc. Na antropologia, a VO foi identificada como tal no fim dos anos 90 pelos antropólogos Martin Holbraad e Morten Pedersen. Holbraad e Pedersen (2017) consideram a VO como um projeto metodológico de reflexão ontológica para resolver problemas epistemológicos. Sua preocupação central é criar as condições sob as quais o antropólogo pode ver coisas em seu material etnográfico, que de outra forma não seria capaz de ver, e optar por um estado permanente de investigação ontológica.



Figura 1 – Três pilares da Virada Ontológica

Fonte: Elaborado com base em informações do Holbraad e Pederson, 2017

Segundo Holbraad e Pederson (2017), a VO envolve o aprofundamento e a intensificação de três modos permanentes de pensamento antropológico: a reflexividade, a conceitualização e a experimentação. Enquanto a questão da reflexividade, os autores apontam para a importância de fazer perguntas ontológicas, contudo sem tomar a ontologia como resposta, destacando o fato de sempre usar o adjetivo “ontológico” em vez do substantivo “ontologia”. Segundo os autores, a VO não é sobre incorporar perspectivas diferentes ou ver de forma diferente, mas é de “ver coisas diferentes” (p.15). O objetivo principal da conceitualização é de (re)construir conceitos e assim construir novas maneiras de pensar. Por fim, a experimentação ontológica é relacionada com as várias possibilidades conceituais de como a realidade poderia ser.

A VO é uma resposta à antropologia tradicional que tentava “entender o ponto de vista dos nativos” (MALINOWSKI, 2014 p.21) e trata-se de transformar o campo de percepção analítica do próprio antropólogo e a reconceitualização de vários conceitos teóricos, metodológicos e objetos centrais de estudo. A antropologia ontológica se preocupa com o estudo da realidade e analisa as maneiras como nós, humanos, nos envolvemos com o mundo (KOHN, 2015). Um exemplo muitas vezes usado por antropólogos ontológicos é a reconceitualização das categorias ‘cultura’ e ‘natureza’. Philippe Descola (2013) mostra que a cisão cultura versus natureza, não é universal, mas fundante da episteme ocidental, e fora desta visão naturalista, o antropólogo fornece mais três regimes ontológicos: o animismo, o totemismo e o analogismo. Além da divisão natureza/cultura há um conjunto grande de dualismos conceituais modernos, como objeto/sujeito, corpo/alma, humano/não-humano e conhecimento/crença, que requer uma “descolonização permanente do pensamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.20) para superar os limites impostos pelo regime de

conhecimento ocidental

Um exemplo da VO na antropologia em relação a Amazônia é o trabalho do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro que introduziu o conceito de Perspetivismo Ameríndio, que ele define como:

Uma reconfiguração de um nexos de ideias e práticas com uma vasta difusão pelos continentes americanos, que apresenta uma reversão de alguns aspetos centrais da ontologia ocidental (2014, p.49).

O Perspetivismo, ao contrário da ontologia ocidental, é baseado no multinaturalismo e considera o mundo externo pluralista, polivalente e profundamente participativo, um mundo onde “cada uma compreendendo um conjunto de afetos particulares a um determinado tipo de corpo” (WELLS, 2018, p. 319). Outro elemento importante do Perspetivismo é o papel fundamental das práticas xamanísticas, que se define como “a autorização de certos indivíduos para cruzar as barreiras corporais espécies, adotar uma perspectiva subjetiva exosférica e administrar as relações entre essas espécies e os humanos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 60)

Recentemente a VO também tem sido aplicada no desafio do combate às mudanças climáticas. De acordo com Hastrup e Skrydstrup (2013), nosso planeta está tão profundamente marcado pela atividade humana que as mudanças climáticas não podem ser entendidas sem reconhecer o entrelaçamento entre a natureza e a cultura e repensar o emaranhado de processos naturais e sociais contidos no conceito de “clima”. No seu trabalho de campo no norte da Groenlândia com uma comunidade de caçadores, Hastrup (2013) aponta que as pessoas vivem em um mundo de muitos agentes, entre eles agentes climáticos, e que a lição de emaranhamento entre os processos naturais e sociais é imanente em cada passo dado e em cada ação considerada.

Contudo, Hastrup e Skrydstrup (2013) apontam que na governança climática atualmente conhecida:

As mudanças climáticas se revestem de figuras retóricas particulares, produzido por um raciocínio narrativo linear, onde o apocalipse só pode ser paralisado por uma intervenção heroica (p.9).

Hulme (2009) descreve a necessidade de repensar a nossa conceitualização e as implicações das mudanças climáticas meramente baseado no conhecimento científico: temos que vê-las como um “recurso imaginativo que molda projetos coletivos e pessoais” (xxxviii).

Na Amazônia a governança climática está diretamente ligada à governança florestal, e, portanto, o conceito ‘floresta’ também precisa ser repensado. Eduardo Kohn (2013), na sua obra ‘Como as Florestas Pensam’ pretende:

Contribuir para as críticas pós-humanistas das maneiras como tratamos os humanos como excepcionais - e, portanto, fundamentalmente separados do

resto do mundo - desenvolvendo uma análise mais robusta para compreender as relações humanas com os seres não humanos. (p.7).

Como indicada pela VO, KOHN (2013) incentiva a reflexão ontológica sobre os conceitos que usamos e desenvolver novos. Outra obra importante para a relação entre a VO e as mudanças climáticas é 'A Queda do Ceu', um relato em primeira pessoa da história de vida e do pensamento cosmo-ecológico de Davi Kopenawa, xamã e porta-voz dos Yanomami da Amazônia brasileira. A obra oferece um apelo por uma ação local e uma reconceituação do conceito floresta:

Os brancos não se perguntam de onde vem o valor de crescimento das florestas que nós chamamos de 'ne rope'. Eles provavelmente pensam que as plantas crescem sozinhas, sem motivo. Ou então se consideram grandes trabalhadores, capazes de fazer as plantas crescerem unicamente com o seu próprio esforço. Eles até nos chamam de preguiçosos porque não destruímos tantas árvores quanto eles. (KOPENAWA E ALBERT, 2013, p.382)

No entanto, há uma grande quantidade de literatura dedicada a criticar a VO (por exemplo, BESSIRE E BOND, 2014; GRAEBER, 2015; HEYWOOD, 2017). Os críticos se questionam: a VO realmente leva a diferença tão a sério quanto afirma? Muitas etnografias inspiradas pela VO usam argumentos e fontes filosóficas semelhantes. Contudo, se a questão principal da VO é a sua abertura radical à diferença no mundo, Heywood (2017) se pergunta por que essa diferença não está inspirando argumentos radicalmente diferentes? Bessire e Bond (2014) criticam a VO por ignorar os circuitos de poder global com os seus impactos marcantes e atuar meramente como um debate filosófico entre acadêmicos em vez de criar espaços para uma governança mais participativa e aumentar a sua relevância política.

3 | COLABORAÇÕES CLIMÁTICAS NA AMAZÔNIA

Descreverei dois estudos de caso com exemplos de governança colaborativa entre os povos indígenas e os governos subnacionais na Amazônia Brasileira e Peruana, destacando o potencial e os riscos de tais colaborações. Os dados foram informados por entrevistas semiestruturadas com atores-chaves da governança climática subnacional no Acre-Brasil (novembro à dezembro de 2018) e Ucayali-Peru (agosto à outubro de 2018).

O Estado do Acre, situado na Amazônia Brasileira, é considerado um pioneiro em governança climática com a sua lei progressiva que instituiu o Sistema Estadual de Incentivo a Serviços Ambientais (SISA) de 2010, que é considerado o primeiro e mais avançado programa subnacional do mundo para Reduzir as Emissões por Desmatamento e Degradação florestal (REDD) (ALENCAR ET AL., 2012). A Lei SISA criou, entre outros, o Instituto de Mudanças Climáticas (IMC), responsável pela sua execução, e a Comissão de Validação e Acompanhamento (CEVA), responsável pelo acompanhamento do SISA. Um

importante componente da CEVA é seu Grupo de Trabalho Indígena (GTI), que representa as necessidades e demandas das 15 etnias acreanas. A missão do GTI, instituído oficialmente em 2012, é contribuir para a tomada de decisões na área da questão indígena, estabelecendo um canal de comunicação entre os povos indígenas, o governo do estado e as instituições que compõem o SISA.

A segunda área de estudo de caso é o departamento regional de Ucayali, que embora fazer fronteira com o Acre, tem um contexto sociopolítico muito diferente. Ucayali não tem uma longa experiência em governança climática, pelo contrário, Leal Pereira e colegas (2015) descrevem os conflitos de terra do departamento com suas populações indígenas e estruturas de governança climática baseadas no desenvolvimento econômico. Devido ao lobby de organizações indígenas, as políticas regionais de Ucayali têm um foco mais forte na interculturalidade. Em 2015, Ucayali criou seu Grupo de Trabalho Regional sobre Políticas Indígenas (GTRPI), com o objetivo de garantir o pleno exercício dos direitos e igualdade de oportunidades dos povos indígenas e criar um espaço onde se reúnem representantes dos diversos departamentos dos governos regionais e representantes de 12 organizações indígenas. Um dos principais resultados do trabalho do GTRPI foi a recente criação do Departamento Regional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas em junho de 2018.

No Acre, os atores-chaves entrevistadas indicam uma perspectiva mais holística e sistêmica como o principal potencial da participação indígena na governança climática. O GTI do SISA conseguiu introduzir novos tópicos na agenda climática, como o respeito pelas culturas indígenas e direitos territoriais e 10% do financiamento internacional recebido pelo programa *REDD for Early Movers* (REM) está agora indo para a organização de festivais culturais indígenas. Conforme afirma um dos entrevistados do governo:

O diálogo do Acre entre o governo subnacional e os povos indígenas tem nos mostrado que olhamos as terras indígenas não como um problema para o desenvolvimento, mas sim como uma estratégia de desenvolvimento sustentável. (Representante do Governo de Estado do Acre em entrevista cedida à pesquisadora em 23 de novembro de 2018)

Uma vantagem mencionada do diálogo estabelecido entre o IMC e representantes de seus povos indígenas é o aumento da inclusão e participação social, levando a níveis mais elevados de confiança. Um resultado do diálogo intercultural foi a elaboração de salvaguardas sociais e ambientais de REDD, com forte ênfase no consentimento livre, prévio e informado para a consulta aos povos indígenas e comunidades locais.

No departamento de Ucayali, de acordo com os atores-chaves entrevistados, a colaboração entre o GTRPI e o governo regional tem estimulado o diálogo intercultural e uma concepção mais holística de terras e a importância do cuidado ancestral e da espiritualidade. Os participantes indígenas têm enfatizado a importância do uso da ayahuasca, uma bebida espiritual tradicional usada em cerimônias indígenas.

A ayahuasca faz parte da nossa cultura. Por meio de seu uso, temos visões da mãe natureza. Achamos que devemos respeitar cada planta, cada árvore, porque elas são como uma pessoa. Por meio da ayahuasca, podemos falar com a natureza (líder indígena de Ucayali em entrevista cedida à pesquisadora em 16 de setembro de 2018).

Um tema importante discutido nas reuniões é salvaguardar a identidade indígena e fazer com que os indígenas tenham orgulho de sua identidade. Isso resultou em 15 pinturas coloridas de rostos e tradições indígenas na capital de Ucayali, Pucallpa (Figura 2).



Figura 2 – Pintura Indígena em Pucallpa – Peru.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Contudo, há vários desafios relacionados às colaborações climáticas entre povos indígenas e governos subnacionais. O desafio mais citado da governança do SISA, está relacionado à repartição de benefícios e a principal reclamação ao fato de que o GTI não está envolvido em nenhuma decisão estrutural e financeira do SISA e só é solicitado a decidir sobre projetos de menor nível. Relacionado a esse desafio está o risco mencionado nas entrevistas do GTI ser um mero grupo de discussão, não levando à implementação de ações. De acordo com o movimento anti-REDD do Acre, quem participa e se beneficia do REDD é a elite do Estado. Eles criticam o REDD em geral e o SISA do Acre em específico e chamam de “falsas soluções incentivadas pelo capitalismo verde”, pois se baseiam na compensação das emissões de carbono, ao invés de melhorar a sustentabilidade do Estado.

O risco mais mencionado em Ucayali é a falta de meios financeiros para agir: o GTRPI foi criado sem orçamento atribuído. Embora as organizações indígenas apreciem a criação de mecanismos para a participação indígena, destacam que sentem que a sua participação não é levada muito a sério. Apenas cinco organizações indígenas participam das reuniões e todas estão localizadas perto da capital, na província de Coronel Portillo. As federações das outras três províncias de Ucayali (Padre Abad, Atalaya e Purus) não podem participar, pois o grupo de trabalho não tem recursos financeiros para cobrir suas despesas de viagem.

Outro desafio da participação indígena na governança regional é a mentalidade da maioria dos funcionários do governo em relação aos povos indígenas. Eles são vistos como “atrasados, excêntricos e pouco profissionais” e “sem capacidade para gerenciar projetos”. Segundo representantes de ONGs locais, o governo regional carece a capacidade de discutir de forma intercultural com as organizações indígenas e também de delicadeza para explicar projetos regionais. No passado, o governo regional fazia promessas às organizações indígenas, sem explicar os projetos com mais detalhes, e assim criava falsas expectativas, o que levava à perda de confiança.

4 | A VIRADA ONTOLÓGICA E A GOVERNANÇA CLIMÁTICA AMAZÔNICA

Os exemplos de Ucayali e Acre mostram um valor agregado da participação indígena ao expandir a visão sobre o desafio das mudanças climáticas e permitir que os governos regionais têm um olhar mais sistêmica e intercultural. Contudo, essa demonstração de estima pelas perspectivas e participação indígena pode ser vista como “um exercício de fazer o politicamente correto” (RAMOS, 1998, p.219), e muitas vezes não vai além de discussões esporádicas em grupos de trabalho. As perspectivas indígenas são respeitadas, mas no caso ‘respeito’ torna-se um sinônimo de mera tolerância e será que isso é suficiente? (HEYWOOD, 2017).

Relacionado a isso estão injustiças e desigualdades estruturais existentes e a forma como a região amazônica e os povos indígenas estão sendo percebidos pelos governos. Viola e Franchini (2018) apontam para um aumento da “negligência Amazônica” desde 2011, o que justifica um comportamento baseado na noção de que mesmo quando o combate ao desmatamento é possível, não é uma prioridade política. Além disso, seus povos indígenas também são negligenciados, já que a Amazônia ainda é frequentemente retratada como “terra de ninguém, assunto de todos” e seus habitantes originais como primitivos e selvagens. Segundo Ramos (1998), as perspectivas indígenas não são levadas a sério, porque não conduzem ao desenvolvimento econômico e seu conhecimento:

[...] está ancorado em toda uma dimensão de cosmovisões e estilos de vida que é virtualmente incompatível com a rapacidade das atividades industriais (p. 219).

O que podemos aprender da VO para melhorar a participação indígena na Amazônia? Concordo com o Heywood (2017) que talvez a coisa mais importante a tirar da VO seja seu desafio radical às nossas maneiras de pensar a diferença: “não só a diferença cultural, mas diferentes tipos de diferenças” (p.8). A VO, com a sua reflexão, experimentação e reconceitualização, pode inspirar o que Hage (2012) chama de alter-política: uma política que cresce não da crítica ao nosso sistema atual, mas da atenção para outras formas de ser que envolve outros tipos de seres vivos.

Para Viveiros de Castro (2014) o uso mais interessante do Perspetivismo Ameríndio consiste

[...] não tanto em classificar cosmologias que nos parecem exóticas, mas em contra-analisar aquelas antropologias que se tornaram familiares demais (p.78).

Penso que aqui temos outra lição da VO. Precisamos repensar os nossos conceitos ocidentais: por que negamos a existência de uma ‘floresta espirituosa’, mas aceitamos um conceito de mudanças climáticas que é tão abstrato quanto o primeiro? Insistimos em distinguir entre “crença” e “conhecimento”, onde a crença é muitas vezes uma forma pejorativa de falar dos conhecimentos dos outros. (CAPORRINO ET AL, 2017). Os grupos de trabalho indígenas no Acre e Ucayali são um primeiro passo em direção a um modelo de coprodução para a governança climática subnacional que melhor atenda ao contexto cultural da Amazônia: uma Amazônia que é muito mais do que estoques de carbono florestal.

RECONHECIMENTO

A pesquisadora reconhece o financiamento recebido através da FCT - Portugal-Fundação de Ciência e Tecnologia, sob a forma de bolsa de doutoramento SFRH / BD / 129274/2017.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, A.; NEPSTAD, D.; MENDOZA, E.; BRITALDO SOARES FILHO, E.; MOUTINHO, P.; STABILE, M.; MCGRATH, D. Acre State 's Progress Towards Jurisdictional REDD +. Brasília: **Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia**, 2012.

BESSIRE, L.; BOND, D. Ontological anthropology and the deferral of critique. **American Ethnologist** 41, 440-56, 2014

CAPORRINO, B.; KAWA, N.; ZILLE, T. A virada ontológica e a Amazônia: um diálogo. Disponível em: <https://amazonialatitude.com/2019/03/26/a-virada-ontologica-e-a-amazonia-um-dialogo/>. Acesso em 3 de outubro de 2020.

CRUTZEN, P.J.; STOERMER, E.F. The Anthropocene. **Global Change Newsletter**, 41, 17, 2000

GOLDMAN, M.; TURNER, M.D.; DALY, M. A critical political ecology of human dimensions of climate change: Epistemology, ontology, and ethics. **WIREs Climate Change**. Volume 9, Issue 4, 2018

GRAEBER, D. Radical alterity is just another way of saying 'reality'. HAU: **Journal of Ethnographic Theory** 5, 1-41, 2015.

HAGE, G. *Alter-Politics: Critical Anthropology and the Radical Imagination*. Melbourne University Press, 2012.

HASTRUP, K. Scales of attention in fieldwork: Global connections and local concerns in the Arctic. **Ethnography**. Vol 14, Issue 2, 2013

HASTRUP, K.; SKRYDSTRUP, M. **The social life of climate change models. Anticipating nature**. Routledge, London and New York, 2013.

HEYWOOD, P. The Ontological Turn. Disponível em: <https://www.anthroencyclopedia.com/entry/ontological-turn>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

HOLBRAAD E PEDERSON, 2017 H M. Pedersen 2017. **The ontological turn: an anthropological exposition**. Cambridge: University Press, 2017

HULME, M. **Why we disagree about climate change**. Cambridge University Press, Cambridge, 2009.

KOHN, E. **How Forests Think: Towards an Anthropology Beyond the Human**. University of California Press, 2013.

KOHN, E. Anthropology of Ontologies. **Annual Review of Anthropology**. Vol. 44:311-327, 2015.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman**. Cambridge, Massachusetts London, England: the Belknap Press of Harvard University Press, 2013.

LATOUR, B. **We have never been modern**. Harvard University Press, Cambridge, MA, 1993.

LATOUR, B. Anthropology at the Time of the Anthropocene: A Personal View of What Is to Be Studied. In: **The Anthropology of Sustainability**. Palgrave MacMillan, 2017.

LEAL PEREIRA, D.; SALISBURY, D; FERNANDEZ, J.; PEZO, L.; SILVA, J. Ideas Cambiantes Sobre Território, Recursos y Redes Políticas En La Amazonía Indígena: Un Estudio de Caso Sobre Perú. **Journal of Latin American Geography**, 14(2), 2015.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagos of Melanesian New Guinea**. Routledge Classics, 2014.

RAMOS, A.R. **Indigenism: Ethnic Politics in Brazil**. University of Wisconsin Press, 1998.

STEFFEN, W.; ET AL The Anthropocene: From Global Change to Planetary Stewardship. **AMBIO** 40, 2011.

TENGO, M.; BRONDIZIO, E.; ELMQVIST, T.; MALMER, P.; SPIERENBURG, M. Connecting Diverse Knowledge Systems for Enhanced Ecosystem Governance: The Multiple Evidence Base Approach. **AMBIO**. 43, 2014.

VIOLA, E.; FRANCHINI, M. **Brazil and Climate Change: Beyond the Amazon**. New York: Routledge, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**. vol.2 no.2 Rio de Janeiro, 1996

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Cannibal Metaphysics: For a Post-Structural Anthropology**. Univocal, 2014.

WELLS, J. Mind the Gap: Bridging the Two Cultures with Complex Thought. **Ecological Complexity**. Vol.35, 2018

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ancestralidade 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 75

Antropologia 1, 2, 18, 20, 38, 41, 42, 43, 44, 62, 63, 66, 74, 96, 114, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 152, 153, 158

C

Comunidade quilombola 64, 65, 71, 73, 75

Consumismo 139, 140, 147, 148

Consumo 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 121, 122, 123, 131, 134, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149

Cultura 10, 12, 15, 18, 19, 29, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 75, 76, 81, 96, 102, 114, 116, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 135, 136, 142, 143, 146, 147, 148, 150, 151, 160, 165, 166

D

Dependência química 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Drogas 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

E

Estado 6, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 52, 56, 61, 62, 66, 91, 93, 95, 97, 100, 106, 107, 108, 110, 112, 113, 118, 131, 132, 154, 155, 158, 161, 163, 165, 166

Etnicidades 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 19

Etnógrafos 1, 3

F

Formas simbólicas 8, 9, 10, 15, 18

G

Gênero 9, 20, 21, 22, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 97, 98, 99, 103, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 142, 165

I

Identidade étnica 8, 10, 11, 19

J

Jovens 1, 56, 57, 69, 100, 101, 102, 110, 160, 162

M

Mar 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 110

Mudanças climáticas 40, 41, 42, 44, 45, 48, 49, 59

N

Natureza 3, 6, 10, 12, 21, 25, 29, 35, 40, 42, 43, 44, 47, 57, 58, 70, 73, 116, 117, 118, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144

O

Ontologia Tsonga-Tumbuluko 52

P

Pesquisa de campo 64, 98

R

Recursos naturais 124, 125, 128, 131, 132, 134, 136

Redes locais de cuidado 52, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Reduccionismo 139

S

Saber profissional 1, 2, 7


Sexo 20, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 102, 104, 110, 117, 118, 119, 122

T

Transexualidade 20

V

Virada ontológica 40, 42, 43, 48, 49




A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



A Interlocução de Saberes na Antropologia 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 